

UM ESTUDO PSICANALÍTICO DO PERFIL PSICOLÓGICO DE ACUSADOS SOB DELITO DE ABUSO SEXUAL INFANTIL

Gabriela do Nascimento Gonçalves

Graduanda em Psicologia
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Janaine Santos Sanitá

Graduanda em Psicologia
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Patricia Gabriela Magalhães

Graduada em Psicologia
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Priscila Zanardi Favaretto

Mestre-Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

RESUMO

O abuso sexual é considerado um problema recorrente em nosso país, além de um fenômeno universal. Enquanto muitos trabalhos argumentam a vitimização, neste trabalho pretende-se elucidar características do agressor, ou seja, sobre o pedófilo. Através da pesquisa realizada pretendeu-se identificar características de agressores sexuais utilizando avaliação psicológica, por meio da aplicação do teste psicológico H.T.P (*House, Tree, Person*), que demonstra especial utilidade para essa finalidade. Para tanto, procedeu-se à busca bibliográfica atrelada aos escritos psicanalíticos de Freud e outros autores contemporâneos para elucidar nosso trabalho. Por meio de resultados obtidos através dos métodos utilizados, foram discutidas características de pedófilos. Todos os sete indivíduos analisados podem ser classificados como pedófilo molestatador, com características marcantes, como a hostilidade, agressivas, autoridade fantasias e regressões aparecem constantemente na constituição de personalidade destes indivíduos, bem como, conflitos sexuais, fixação no passado, pobre contato com a realidade. No entanto, essa problemática não apresenta uma causa única e possui origens multifatoriais, possibilitando como contribuição a identificação de características psicológicas dos sete participantes desta pesquisa. Para tanto só se obtém bases sólidas, concretas e fidedignas para a classificação destes sob uma observação em contexto interdisciplinar.

PALAVRAS-CHAVE: Violência sexual. Pedofilia. Perfil psicológico.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de uma pesquisa sobre análise do perfil psicológico de pedófilos e visa discutir aspectos pertinentes na tentativa de conhecer os comportamentos e os desvios em torno da sexualidade humana. No Brasil, o abuso sexual é considerado um problema recorrente devido à fragilidade das políticas públicas em garantia aos direitos. Nos últimos anos ocorreram cerca 20.400

denúncias de maus tratos contra crianças e adolescentes, 13% deles referem-se a situações de abuso sexual (FRANÇA-JUNIOR, 2003). Estipula-se que a cada 8 horas uma criança é vítima de abuso sexual e em 70% dos casos tal situação se dá nas relações intra-familiares (SCOTT, 1995). O dado mais alarmante é que a violência sexual é o delito menos denunciado em nossa sociedade (WILLIAMS, 2002).

Diante da importância e relevância do tema, este artigo objetivou compreender elementos da personalidade dos participantes, identificar aspectos disfuncionais na personalidade e analisar a similaridade ou diferenciação dos resultados, na tentativa de verificar o perfil psicológico de agressores de abuso infantil, sob enfoque psicanalítico.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Considera-se que o abuso sexual contra crianças e adolescentes é um problema de saúde pública, quase epidêmica devido aos altos índices de incidência. As consequências são sérias e comprometem o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das vítimas e de seus familiares (GONÇALVES; FERREIRA, 2002). Toda prática, jogo sexual, seja heterossexual ou homossexual com menores de 18 anos pode ser considerado abuso sexual. Embora nossa sociedade relacione a violência sexual ao contato físico, ao toque, carícias e a penetração, existem diversas modalidades de violência. O abusador pode interagir com a vítima sem o contato físico, através de voyerismo, assédio e/ou exibicionismo. Ressaltando que estas interações sexuais são impostas às crianças ou aos adolescentes pela violência física, ameaças ou indução de suas vontades (AZEVEDO; GUERRA, 1989).

O abuso sexual pode ocorrer em diversos contextos, fora do ambiente familiar e em situações nas quais crianças e adolescentes são envolvidos em pornografia e exploração sexual (AMAZARRAY; KOLLER, 1998). No entanto, a maioria dos abusos sexuais são cometidos dentro de casa e são perpetrados por pessoas próximas, que desempenham papel de cuidadores. Estes casos são denominados abuso intrafamiliar ou incestuoso (BRAUN, 2002).

Dados contidos no relatório de Situação Mundial da Infância divulgado pelo UNICEF (Fundo das Nações Unidas) estimam que 275 milhões de crianças no

mundo são vítimas de violência sexual intrafamiliar (UNICEF, 2005). A violência intrafamiliar é a violência que envolvendo parentes que vivem ou não sob o mesmo teto, embora a probabilidade de ocorrência sejam maiores entre parentes que convivem no mesmo domicílio. O incesto necessariamente tem que envolver um membro da família, um parente próximo com laços consanguíneos ou um adulto que tenha uma relação de responsabilidade (cuidado e proteção) ou um envolvimento efetivo-emocional com a criança ou adolescente (BRAUN, 2002). Consistindo na união sexual ilícita entre parentes consanguíneos, afins ou adotivos, sendo cinco os tipos de relações incestuosas clássicas: pai-filha, irmão-irmã, mãe-filho, pai-filho e mãe-filha.

As famílias incestuosas apresentam relações interpessoais assimétricas e hierárquicas, nas quais há uma desigualdade e/ou uma relação de subordinação. Alguns fatores de risco vêm sendo constantemente verificados em famílias incestuosas. Estes são: pai e/ou mãe abusados ou negligenciados em suas famílias de origem; abuso de álcool e outras drogas; papéis sexuais rígidos; falta de comunicação entre os membros da família; autoritarismo; estresse; desemprego; indiferença; mãe passiva e/ou ausente; dificuldades conjugais; famílias reestruturadas (presença de padrasto ou madrasta); isolamento social; pais que sofrem de transtornos psiquiátricos; doença, morte ou separação do cônjuge; mudanças de comportamento da criança, incluindo conduta hiper-sexualizada, fugas do lar, diminuição no rendimento escolar, uso de drogas e conduta delinquente (KOLLER; DE ANTONI, 2004).

É necessário ressaltar que o abuso sexual ocorre para os dois sexos, sendo sua maior incidência no sexo feminino. Porém, os meninos também são vítimas de violência sexual, sua maior incidência são em casos fora do âmbito familiar, perpetrados por adultos que não são parentes. As estatísticas internacionais apontam que apenas 10% dos casos são ocorrências de abusos contra o sexo masculino (PFEIFFER; SALVAGNI, 2005).

As vítimas por sua vez, sofrem diversos prejuízos, algumas apresentam efeitos mínimos ou nenhum aparente, enquanto outras desenvolvem problemas graves, sejam emocionais, sociais e/ou psiquiátricos. Apesar de sua complexidade e as variáveis envolvidas no impacto, esta experiência é considerada um importante fator de risco para o desenvolvimento de psicopatologias. A literatura aponta que as

vítimas podem desenvolver quadros de depressão, transtornos de ansiedade, alimentares, dissociativos, hiperatividade e déficit de atenção e transtorno de personalidade borderline. Entretanto, a psicopatologia decorrente do abuso sexual mais citada é o transtorno do estresse pós-traumático (COHEN, MANNARINO; RO GAL, 2001). Além disso, estas podem apresentar sentimentos de culpa, diferença em relação aos pares e desconfiança (COHEN; MANNARINO, 2000).

O impacto da violência sexual afeta profundamente as relações familiares, levando à produção e reprodução de modelos de comportamento violentos no cotidiano social e familiar. Crianças que vivem em situação de violência familiar aprendem a usá-la como forma de vida e têm grande possibilidade de reproduzi-la nos seus relacionamentos, tanto na condição de criança quanto na de jovem ou adulto (ARAÚJO, 1996).

A elaboração do trauma está relacionada aos fatores intrínsecos da vítima, tais como, vulnerabilidade e resiliência. Também estão correlacionados aos fatores de risco e de proteção, principalmente quando tratam-se de crianças, pois algumas consequências negativas são exacerbadas em caso de vítimas que não dispõem de uma rede de apoio social e afetiva.

Para entendermos como se desenvolve uma personalidade pedófila, discutiremos a seguir, de forma breve, como se dá o desenvolvimento para a Psicanálise. A etimologia da palavra “perversão” resulta de “per” + “vertere” (desviar), o que designa o ato do sujeito perturbar a ordem, ou estado natural das coisas, contudo, perversão não são implicações estritamente sexuais, no qual se abrange a outros variados desvios de conduta, como “moral, social, alimentar, institucional”, afirmando que a pesquisa em questão falar-se-á sobre a perversão sexual no indivíduo (HISGAIL, 2007).

Para Freud (1972), há três aspectos do estudo sobre a perversão: como resíduo da sexualidade infantil, ligada à fixações em certas zonas erógenas; como negativo das neuroses; e como um estágio evolutivo normal. Importante ressaltar que quando Freud disse que a neurose é o negativo da perversão, ele quis dizer que aquilo que uma pessoa neurótica reprime, esta pode gratificar somente simbolicamente através de outros sintomas, isto é, dizia que o paciente com perversão se expressaria diretamente em sua conduta sexual, para tanto,

atualmente este conceito não é aceito, pois os atuais psicanalistas acreditam que a perversão tem estrutura própria (FREUD, 1972).

Em um outro dado momento, Freud afirmou que a perversão sexual resulta de uma decomposição da totalidade da pulsão sexual em seus primitivos componentes parciais, quer por fixações na detenção da evolução das fases da sexualidade, quer por regressão da pulsão a etapas prévias a organização genital da sexualidade, conceito este, que permite uma importante diferenciação conceitual de separar as perversões sexuais em dois tipos de personalidades:

[...] um se refere àquelas que apresentam uma parte madura, que coexiste com uma parte imatura (essa última corresponde à “parte psicótica da personalidade” se utilizarmos a terminologia de Bion), a qual, diante de determinadas angústias intoleráveis, induz o sujeito a “atuações perversas” que são sentidas pelo sujeito como egodistônicas. O segundo tipo diz respeito aquelas pessoas que conhecemos como “personalidades imaturas” (como nas histerias com elevado grau de regressividade) que de forma egossintônica, atuam predominantemente com as perversões (ZIMERMAN, p. 251, 1999).

Freud (1972) trouxe a importância e grande relevância em levar em consideração a qualidade dos impulsos sexuais, isto é, como acontecem, e o objeto para qual as pulsões são dirigidas, como por exemplo: a escolha do infantil como objetos da pulsão sexual, conhecido como Pedofilia. A partir dos escritos de Freud sobre a sexualidade infantil é que se passou a reconhecer a criança como possuidora de uma sexualidade. Em “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, a sexualidade infantil é caracterizada como auto-erótica, revelando que nesta época inicial as pulsões são parciais e o objeto de prazer encontra-se no próprio corpo, numa zona erógena específica, numa parte do corpo em que certos tipos de estímulos provocam sensação de prazer (FREUD, 1972).

Segundo Vitiello (1993), Freud entendia que a sexualidade infantil desenvolvia-se através das seguintes fases: Fase oral, fase anal, fase genital e fase de latência. Na atualidade, pode-se admitir que a sexualidade manifesta-se desde o início da vida e que se desenvolve, acompanhando o desenvolvimento geral do indivíduo.

Percorrendo a literatura analítica podemos descrever que a primeira fonte de prazer corporal na infância, encontra-se na região oral, através da amamentação que sem dúvida deve ser uma fonte de prazer expressiva para o recém nascido. A

segunda fase é o descobrimento do controle dos esfíncteres, quando a criança começa a sentir prazer com os movimentos intestinais, tanto em si mesmos quanto pela eliminação de um desconforto. Mais ou menos ao mesmo tempo em que a sensibilidade anal aumenta, seus pais começam a colocar uma grande ênfase sobre o treinamento à toilete. Terminado o processo de controle dos esfíncteres, a criança tem concluída a fase de conhecimento do seu corpo e da descoberta dos prazeres por ele proporcionados, esta etapa do desenvolvimento da sexualidade vai até os 3 ou 4 anos. A partir disso o seu objetivo passa a ser o de conhecer o ambiente no campo da sexualidade, fixa-se então a conhecer o seu corpo e os prazeres que o mesmo pode lhe oferecer (VITTIELO, 1993).

Portanto, para compreendermos melhor as perversidades no mundo contemporâneo se faz necessário discorrer sobre a infância, onde se construiu a ressonância do indivíduo segundo os trabalhos analíticos. Para Freud, a origem da sexualidade adulta está na infância, quando a libido se organiza de maneira diferenciada em torno de determinadas zonas corporais e em fases sucessivas de desenvolvimento (FREUD, 1976).

Durante os escritos de “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud pôde identificar que quando a libido se concentra sobre objetos, essa pode fixar-se nesses objetos ou em outras ocasiões abandonando-os, transferindo-se de uns aos outros, e o objeto sexual pode não corresponder às normas da moral sexual civilizada (HISGAIL, 2007). Considera-se que quando o indivíduo constitui um imaginário perverso dos significados nas etapas vividas anteriormente, pode ocorrer um desvio comportamental da personalidade, que consideraremos no estudo psicológico do agressor.

Freud inicia o estudo das perversões pelo viés da homossexualidade, percebe-se que por não conseguir escapar das concepções clássicas, designadas com os desvios em relação aos padrões da cultura e da religião aos poucos foi se distanciando dessa compreensão pela teoria das neuroses, consagrou a perversão como aquilo que o neurótico um dia, idealizou. Freud deixa bem claro que desde seus primeiros escritos que houve uma dificuldade em diferenciar-se neurose de perversão, para tanto, o polimorfismo da sexualidade e o fato de que os desvios se encontram em quase todos os seres humanos, vai levá-lo à famosa formulação: a neurose é o negativo da perversão (HISGAIL, 2007).

Na obra freudiana podemos distinguir três momentos essenciais da teorização sobre a perversão. O primeiro encontra-se nos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, e pode ser concluído que “a neurose é o negativo da perversão”. No segundo momento, a essência tanto da neurose quanto da perversão são dos destinos edípicos, esse é o modelo apresentado no texto “Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo das perversões sexuais”. O terceiro momento é considerado por muitos autores, como o que, de fato, traduz a problemática da perversão. (FREUD, 1972)

Sua formulação encontra-se no texto de 1927 sobre Fetichismo. Esse texto gira em torno do mecanismo da recusa da castração. Recusa que leva, à fixação do gozo em um objeto imaginário em vez de centrá-lo na função simbólica que organiza o desejo a partir da castração.

Na parte final do texto sobre a sexualidade humana, Freud afirma que, assim como a neurose, a perversão é acessível ao trabalho analítico, pois sendo uma o negativo da outra, ambas são afetadas pelo mesmo mecanismo psíquico: o recalque (FREUD, 1972).

Todos estes pensamentos foram bases para outras fundamentações teóricas sobre a perversão, o que atualmente pode-se encontrar na definição citada no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV) como Parafilias. Este termo empregado dentro dos Transtornos Sexuais e da Identidade e Gênero, é caracterizado por fantasias, anseios sexuais ou comportamentos recorrentes, intensos e sexualmente excitante envolvendo: objetos não humanos; sofrimento ou humilhação; crianças ou outras pessoas sem o consentimento (DSM-IV, 2008). A pedofilia por sua vez, que está inserida no âmbito das Parafilias, e pertencente aos Transtornos Sexuais e da Identidade e Gênero, é descrito segundo o DSM IV (2002), como atividade sexual com uma criança pré-púbere, geralmente com idade de 13 anos ou menos.

Percebe-se, então, que embora a pedofilia esteja largamente associada à violência sexual infantil, esta trata-se mais precisamente de um transtorno parafílico e não necessariamente a ocorrência de atos ilícitos (SERAFIM, 2009). Por pedofilia, entende-se a atração sexual de adultos por crianças, variando desde o exibicionismo até a violência agressiva e a sodomia. Segundo o conceito médico, pedofilia é uma disfunção sexual na qual o indivíduo só sente prazer relacionando-se com crianças

e/ou adolescentes. Podendo o mesmo, ocasionalmente relacionando-se com pessoas adultas, porém, sendo a criança sua fonte de prazer máxima. Sua libido esta direcionada à criança, e esta trata-se de uma psicopatologia, perversão sexual com caráter compulsivo e obsessivo. O pedófilo é chamado agressor sexual e define-se pela atração erótica elaborada no terreno de sua fantasia, podendo ou não se materializar em atos sexuais.

Segundo DSM IV (2002), os critérios diagnosticados para pedofilia se constituem de fantasias sexualmente excitantes, recorrentes e intensas, impulsos sexuais ou comportamentos envolvendo atividades sexual com uma (ou mais de uma) criança pré-púbere (geralmente com idade inferior a 13 anos), ao longo de um período mínimo de 6 meses. As fantasias, impulsos sexuais ou comportamentos causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do individuo.

Os indivíduos com pedofilia pode limitar seus atos por fantasias específicas, segundo o Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais:

[...] os anseios podem limitar-se a despir e observar a criança, exhibir-se, masturbar-se na presença dela, ou tocá-la e afagá-la. Outros, entretanto, realizam felação ou cunilingua ou penetram a vagina, boca ou anus da criança com seus dedos, objetos estranhos ou pênis, utilizando variados graus de força para tal. Essas atividades são geralmente explicadas com desculpas ou racionalizações de que possuem “valor educativo” para a criança, de que esta também obtém “prazer sexual” com os atos praticados, ou de que a criança foi “sexualmente provocante” – temas comuns também na pornografia pedófila” [...] (DSM IV, p.543, 2002).

Nem sempre o pedófilo comete crimes sexuais, por vezes, satisfazem-se contemplando material pornográfico ou excitando-se exacerbadamente através de conteúdos da fantasia, alcançando sua satisfação de modo solidário e sem transformar suas idealizações em atos concretos. Podem casar-se com mulheres que já tenham filhos ou atuar em profissões que os mantenham com fácil acesso a crianças. O abuso sexual tem sido relatado em escolas, creches e lares grupais, onde os adultos que cuidam das crianças são os principais perpetradores (KAPLAN; SADOCK, 1990). Acredita-se que a passagem da fantasia para a ação possa estar relacionada à exposição de estresse intenso e grande pressão psíquica.

No cotidiano são indivíduos acima de qualquer suspeita, atraentes e capazes de cativar suas vítimas propondo jogos, brincadeiras, diversão e outras

finalidades de interesse para as mesmas. Tendem a conquistar a confiança, estabelecendo um “jogo” em que a criança acaba sentindo-se culpada pelo relacionamento e sedução. Suas ações caracterizam-se pela atuação sutil e discreta, geralmente se utilizando carícias, visto que em muitas situações a vítima não se vê violentada. O pedófilo abusador possui comportamento menos invasivo e dificilmente age com violência (SERAFIM, 2009).

3 METODOLOGIA

Foi realizado levantamento de dados na Penitenciária masculina do município de Três Lagoas, estado do Mato Grosso do Sul, no período de junho à novembro de 2012. Após submissão e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, sob o consentimento da instituição penitenciária, buscamos agressores sexuais de crianças como voluntários. As pesquisadoras tiveram acesso a uma lista de 21 pessoas detidas sob delitos de crime sexual infantil, no qual a opção de escolha foi tida através daqueles que possuem maiores penas a serem cumpridas sob regime fechado. Destes 21 indivíduos, 07 foram selecionados sendo todos detidos sob acusação comprovada em crimes sexuais com envolvimento de crianças e adolescentes. Os participantes foram informados sobre o objetivo do trabalho a ser realizado e estavam em concordância com o mesmo, por meio da assinatura de um termo de compromisso e aceite que os dados obtidos com o estudo fossem usados em publicações e eventos científicos.

Foram utilizados questionários, levantaram-se dados sócio-demográficos e foi efetuada a aplicação do teste projetivo HTP (Casa- Arvore – Pessoa). Embasamos nossas pesquisas na abordagem psicanalítica, pautadas pelas obras de Freud e de outros autores contemporâneos para discorrer os desvios sexuais, as perversidades e os fatores do desenvolvimento psicosssexual que podem concomitantemente influenciar no surgimento desta patologia. Concluiu-se que para entender a perversão, se faz necessária a obtenção de conhecimentos sobre o desenvolvimento sexual “normal” do indivíduo, bem como cada fase do desenvolvimento deste.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Participaram sete pessoas, acusados sob delito de crime sexual infantil, sendo assim representados nesta pesquisa, como Sujeito 1 (S1), Sujeito 2 (S2), Sujeito 3 (S3), Sujeito 4 (S4), Sujeito 5 (S5), Sujeito 6 (S6), Sujeito 7 (S7). O convite foi recusado por 5 participantes, que coincidentemente, apresentavam alto nível de escolaridade, (Ensino Médio Completo e Ensino Superior Incompleto), dados que podem sugerir que indivíduos mais esclarecidos, com nível intelectual maior, apresentam mais resistência a responder questões sobre si mesmo, onde inclusive um dos que recusaram a participação da pesquisa, possui formação em psicopedagogia, e transpareceu uma forte resistência quanto a aplicabilidade do teste.

Os resultados demonstram que dentre estes sujeitos varia-se a idade de 34 a 51 anos, com nível de escolaridade primária incompleta predominante, sendo que, somente 02 dos avaliados possui Ensino Médio Incompleto. A religião predominante é evangélica, onde 05 dos entrevistados são evangélicos e 02 são católicos. Ressaltando sobre sua primogenitude, 02 foram criados por pai e mães de vínculos consanguíneos, 04 foram criados somente pela mãe, e 01 foi adotado por desconhecidos sem possuir vínculos consanguíneos.

Quadro 1: Dados sócio-demográficos dos participantes

Participante	Idade	Sexo	Religião	Escolaridade	Renda Familiar	Profissão
S1	39	M	Evangélico	1ª série	2 SM	Pedreiro
S2	34	M	Católico	2º Grau Inc.	2 SM	Moto Taxista
S3	41	M	Evangélico	2º Grau Inc.	2 SM	Soldador
S4	35	M	Evangélico	5ª série Inc.	2 SM	Garçom
S5	43	M	Evangélico	4ª Série Inc.	2 SM	Soldador
S6	51	M	Católico	1ª série	4 SM	Operador de Máquina
S7	39	M	Evangélico	5ª série	1 SM	Serviços Gerais

Fonte: da pesquisa (2015).

Após levantamento dos dados sócio-demográficos, a análise foi obtida através do Teste HTP, considerando-se seu roteiro de protocolo interpretativo, no qual aspectos formais e estruturais de cada figura e, em especial, da que representa o próprio sujeito, integrando aos dados relativos à sua personalidade. Este roteiro

apresenta cinco variáveis a serem consideradas em cada um dos desenhos: Características Normais, Observações Gerais, Proporção, Perspectiva, Detalhes: Detalhes essenciais, Detalhes não essenciais, Detalhes irrelevantes, Detalhes Bizarros, Dimensão do Detalhe, Sombreamento do Detalhe, Seqüência do Detalhe, Qualidade da linha.

Todos os sete indivíduos analisados podem ser classificados como pedófilo molestatador, devido a sua condição de terem cometido crimes qualificados como muito invasivos na condição de conjunção carnal com crianças, ressaltando que, segundo os autores Serafim, Saffi *et al.* (2009), a característica marcante do pedófilo molestatador é o padrão de comportamento invasivo com utilização frequente de violência.

Nos sete indivíduos supracitados a hostilidade, é uma característica da personalidade muito comum entre eles, reforçando o que Serafim *et al.* (2009) disse sobre a condição de pedófilo molestatador.

Características agressivas, fantasiosas e regredidas aparecem constantemente na constituição de personalidade destes indivíduos, bem como, conflitos sexuais, fixação no passado, pobre contato com a realidade, porém ao responderem o inquérito ficou explícito a recusa e resistência para caracterizar o indivíduo, bem como a confusão de sexualidade atribuída aos desenhos.

Por base dos dados supracitados, caracteriza-se que a perversão para Freud é a presença de uma organização psíquica baseada na recusa (*Verleugnung*). Em 1927, com *Fetichismo*, ele defende a tese de que o fetiche é o substituto do pênis da mãe, ligando-o à recusa da castração, isso porque o fetichista é aquele que nada quer saber daquilo que vê. Tornam-se, tanto a renegação como a afirmação da castração, elementos chave na constituição do fetiche. Portanto, o perverso reconhece a castração, mas não a aceita (FREUD, 1974), no que vale a indicância de sentimentos de dependência e impotência dos sete sujeitos da pesquisa.

Masi (2009) descreve em sua obra, sobre as características do mundo pedófilo, o que ressalta que, na pedofilia a relação é “assimétrica”. O amor pedófilo pode ser considerado como uma defesa de uma relação com um objeto sentido como independente. Esta assimetria do mundo destes são explicitamente expostos na maneira assimétrica dos sujeitos que realizaram seus desenhos.

Os sujeitos da pesquisa realizam o desenho da pessoa a descaracterizando sexualmente, em quase todos, com a dificuldade de dizer qual sexualidade o indivíduo representa, para tanto, no pedófilo a idealização do corpo infantil ou adolescente se acompanha à aversão pelo aspecto físico e pelo mundo psíquico e emocional dos adultos. Tão logo aparecem no menor os caracteres sexuais secundários, a rápida e inesperada irrupção da corporeidade adulta destrói a idealização da beleza infantil (MASI, 2009).

A infantilidade, imaturidade, insegurança, fragilidade, e alta fantasia dos indivíduos apresentadas na interpretação do teste HTP, afirma o que Masi (2009) diz sobre o pedófilo querer ser um rapaz junto com outros rapazes no mundo das brincadeiras e da fantasia; como Peter Pan, quer parar o tempo e realizar o mito da eterna juventude.

Para Masi (2009) os pedófilos foram crianças isoladas, que se sentiram excluídas pelos colegas da mesma idade, dos quais invejaram a vitalidade. Como adultos, desejam possuir aquelas mesmas crianças que admiraram e invejaram. A relação amorosa e sexual com a criança ou o adolescente exprime também uma fantasia de recuperação da vitalidade perdida ou nunca possuída. Os sete sujeitos da pesquisa trazem características de isolamento, e retraimento em sua personalidade, e a necessidade de sentimento de onipotência para uma não angustia, tanto que, cinco dos pesquisados são evangélicos, e possuem responsabilidades de bastante autonomia no presídio.

Segundo Serafim *et al.* (2009), é utilizado por diversos pesquisadores, a tentativa de traçar o perfil psicológico para identificar criminosos sexuais, sendo que, ainda requer melhor validação científica, visto que seus procedimentos são em sua maioria decorrentes de pesquisas empíricas, ou dados de pequenas relevâncias.

Masi (2009) crê que, aspectos da pedofilia podem se inscrever em estruturas de personalidade muito diferentes, como aparece na literatura escassa sobre este tema, para tanto, quanto a maioria dos estudos investiga as vítimas, os poucos estudos sobre agressores se concentram principalmente em dados demográficos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática de abuso sexual contra crianças é um fenômeno universal. Analisado com minúcia, o crime sexual contra menores vem se mostrando em crescimento de ocorrências, e concomitantemente, complexo e variado, com diferentes perfis de criminosos. Todos os sete indivíduos analisados podem ser classificados como pedófilo molestatador, com características marcantes, como a hostilidade, agressivas, autoridade fantasias e regressões aparecem constantemente na constituição de personalidade destes indivíduos, bem como, conflitos sexuais, fixação no passado, pobre contato com a realidade.

Neste estudo, foi possível obter variadas características muito similares entre a personalidade dos sete indivíduos, porém, cada um com seus respectivos desenvolvimento (crescimento) sócio-cultural, e respectivas diferenças psicológicas, onde mesmo com as diferenças pode-se perceber através deste estudo a caracterização “molestatador perverso” de suas respectivas personalidades.

Para se estabelecer bases sólidas e concretas para a classificação de personalidade destes que cometeram crime de violência sexual infantil, se faz necessário estabelecer observações sob um contexto interdisciplinar, de uma equipe comprometida com o trabalho conjunto, deve ser ativamente perseguido, se o objetivo é traçar perfil fidedigno das pessoas envolvidas nestas atitudes, uma vez que o comportamento de agressores sexuais não apresenta uma causa única, tem origens multifatoriais e envolve vários fatores. Só assim haverá, de fato, possibilidades para uma contribuição de forma técnica tanto para a possível identificação do ofensor como para o planejamento de possíveis intervenções.

Diante do exposto, esta pesquisa científica trata-se de um subsídio para que este tema seja compreendido e avaliado por meio de parâmetros que ultrapassam os valores do senso comum, auxiliando na busca pela prevenção e redução desse fenômeno. Desta forma, pretendeu-se contribuir para o âmbito científico, pesquisando o perfil psicológico do pedófilo sob enfoque psicanalítico, baseando-se na literatura disponível atrelado aos dados obtidos em nossos indicadores.

REFERÊNCIAS

ADED, N. L. O. Abuso sexual em crianças e adolescentes: revisão de 10 anos da literatura. In: **Revista Psiquiatria Clínica**, São Paulo, 2006, vol. 33, n. 4.

AMAZARRAY, M. R.; KOLLER, S. H. Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. **Revista de Psicologia Reflexão e Crítica**, São Paulo, 1998, p. 546-555.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais IV**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

ARAÚJO, M. F. Atendimento a mulheres e famílias vítimas de violência doméstica. **Revista de Psicologia Perfil**. Assis, 1996, v. 9, p. 7-17.

ARAÚJO, M. F. Violência e abuso sexual na família. **Psicologia em Estudo**. Maringá, 2002, v.7, p. 1-9.

Associação do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (AMPERJ). **Código Penal**. Disponível em: http://www.amperj.org.br/store/legislacao/codigos/cp_DL2848.pdf. Acesso em: 24 de mar. 2012.

AZEVEDO, M. A; GUERRA, V. (Org.). **Crianças vitimizadas: A síndrome do pequeno poder**. São Paulo: Iglu, 2000, p. 32.

BARBOSA, G. F. O segredo de família. In: Pizá, G. (org.). **A violência silenciosa do incesto**. São Paulo, 2004, p. 57-65.

BEE, H. **A criança em desenvolvimento**. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1977. p. 214-218.

BRASIL. Lei nº 12015, de 10 de janeiro de 2002. **Novo Código Civil Brasileiro**. Legislação Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2009/lei/l12015.htm. Acesso em: 27 mar. 2012.

BRASIL. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. **Novo Código Civil Brasileiro**. Legislação Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em: 27 mar. 2012.

BRAUN, S. A violência sexual infantil na família: do silêncio a revelação do segredo. In: **A violência sexual doméstica: o incesto**. Porto Alegre: Age, 2002, p. 35-47

BUCK, J. N. **Casa arvore pessoa, técnica projetiva de desenho: guia de interpretação**. São Paulo: Vetor, 2009.

COHEN, J. A.; MANNARINO, A. P. (2000). **Predictors of treatment outcome in sexually abused children**. New York: Child Abuse & Neglect, 2000, p. 983-994.

DORIN, L. **Introdução à Psicologia**. São Paulo: Editora Brasil S/A, 1978, vol. 6, p.36.

DPCA - Delegacia de proteção à criança e ao adolescente. **Instituto Jones Dos Santos Neves – IJSN**. Disponível em: http://www.ijsn.es.gov.br/attachments/226_ViolenciaDPCA.pdf. Acesso em: 17 mar. 2012.

FENICHEL, O. **Teoria Psicanalítica das Neuroses**. São Paulo: Atheneu, 1981.

FIORI, W. R. Desenvolvimento emocional. In: RAPPAPORT, C R.; FIORI, W. R.;

DAVIS, C. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: EPU, 1982. p. 16, v. 4.

FRANÇA-JUNIOR, I. Abuso Sexual na Infância: Compreensão a partir da Epidemiologia e dos Direitos Humanos. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**. v.7, n.12, p.23-38, 2003.

FREUD, A. O ego e os mecanismos de defesa. São Paulo: ArtMed, 2006.

FREUD, S. Carta 71, 1895a, p.307. In: MIGUELEZ, N. B. S. **Complexo de Édipo hoje: novas psicopatologias, novas mulheres, novos homens**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 26.

_____. O ego e o id, e outros trabalhos. In: **Obras completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol. 19.

_____. O mal-estar na civilização. In: **Obras completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. 21.

_____. Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. In: **Obras completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, p. 381-520, vol. 1.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Obras completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, vol. 7.

_____. Um estudo auto-biográfico inibições, sintomas e ansiedade. In: **A questão da análise leiga e outros trabalhos**. Obras completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol. 20.

_____. Uma neurose infantil e outros trabalhos. In: **Obras completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol. 17.

Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Pequenas Vítimas. **Relatório UNICEF – Situação da Infância Brasileira 2006**. Brasília: UNICEF. Disponível em: <<http://www.unicef.org/brazil/pt/>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

GONÇALVES, H. S.; FERREIRA, A. L. **A notificação da violência intra-familiar contra crianças e adolescentes por profissionais da saúde.** São Paulo: Caderno de Saúde Pública, 2002, p. 315-319.

HISGAIL, F. **Pedofilia:** um estudo psicanalítico. São Paulo: Iluminuras, 2007.

JUSBRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/1031134/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-lei-8069-90>. Acesso em: 24 de mar. 2012.

KAPLAN, H. I; SADOCK, B. J. **Compêndio de psiquiatria.** Porto Alegre: Artes Médicas, ed. 2, 1990.

KOLLER, S. H.; DE ANTONI, C. (2004). Violência intra-familiar: Uma visão ecológica. Em S. H. KOLLER (Org.), **Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 293-310.

PFEIFFER, L; SALVAGNI, E. P. Abuso Sexual na infância e adolescência. **Jornal de Pediatria.** Porto Alegre, 2005, vol. 81, p. 2-3.

RORIZ, G. A. O. **Escolhas narcísicas de objeto e relações amorosas na atualidade.** 2006, 91 f. Tese (Pós-graduação em Psicologia) – Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2006.

SANTOS, B. R. In: IPPOLITO, R. **GUIA ESCOLAR:** Métodos para identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos e Ministério da Educação, 2004, p. 11.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade.** v. 20, n. 2, p.71-99,1995.

SERAFIM, A. P; et. al. Perfil psicológico e comportamental de agressores sexuais de crianças. **Revista de Psiquiatria Clínica.** São Paulo, 2009, p. 1-7.

SILVEIRA, M. A. Violação na infância, crimes abomináveis humilham, machucam, torturam e matam. Porto Alegre: Age, 2005.

VITIELLO, N.; SEIXAS, I. C. C. Manifestações da sexualidade em diferentes fases da vida. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana.** v. 4, n. 1, 1993.

ZIMERMAN, D. **Fundamentos psicanalíticos:** teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 1999.